

506, Rachel Vaz (jornal), 508, Henrique (jornal), 509, Wilson Leite, 510, Zé da Lata, 511, Wilson Leite, 512, Fábio Santiago (jornal), 513, Henrique (jornal), 514, Cássia Costa (jornal), 515, Wilson Leite

## MÍRIAM LEITÃO

miriam.leitao@globo.com  
@miriamleitao

### A dupla face do agronegócio

Imagine um mundo em que produtores rurais não tenham que se preocupar se o agrotóxico afeta a vida humana ou o meio ambiente. Um mundo no qual todos os que não for floresta poder ser derrubado e, mesmo nas florestas, será possível avançar mais, mudando as leis. Em que campos nativos, como o pampa gaúcho, não tenham proteção. Nesse mundo, os indígenas só poderão requerer territórios nos quais estavam no dia 5 de outubro de 1988, e inclusive os isolados terão que provar onde estavam naquela data. E quem invadiu terra pública até 2014 pode ficar tranquilo porque seu crime será perdoadado. Aliás, deve continuar inávido porque haverá novas anistias.

A bancada que representa os interesses do agronegócio está avançando bem na construção desse mundo distópico. Na quinta-feira, ela comemorou mais uma vitória sobre o governo porque derrubou os vetos do presidente Lula a trechos da Lei do Veneno. Os agrotóxicos, agora, serão liberados pelo Ministério da Agricultura. O Ministério do Meio Ambiente e a Anvisa passam a ser subsidiários. A licença para o produto será decidida pela perspectiva do produtor, sem preocupação com o meio ambiente ou a saúde humana.

Imagine um mundo em que os donos de fazenda, pecuaristas e produtores de grão adotam alta tecnologia de produção, como drones, melhoramento genético e sementes, imagem e comunicação por satélite, sensores para controle dos parâmetros da produção, robôs, inteligência artificial e câmeras 3D. Com o auxílio da tecnologia eles aumentam a produtividade ano após ano e elevam a produção e exportação do país.

O mundo da adoção da alta tecnologia existe e, por isso, o setor do agronegócio é o mais dinâmico da economia brasileira. O que está derrubando barreiras ambientais e o princípio da precaução também existe. E tem uma agenda de 25 projetos de lei e três emendas constitucionais tramitando no Congresso.

O difícil é conciliar as duas faces do agronegócio. De um lado, métodos de produção ul-

tramodernos, jovens que vão estudar no exterior para renovar os empreendimentos familiares com novos modelos de gestão, startups que implantam técnicas sofisticadas de controle da produção. De outro, ruralistas que levam uma pauta no Congresso que nega todos os alertas da ciência sobre a mudança climática. É missão impossível achar coerência entre o agro moderno e tecnológico e o agro pauta retrógrada e negacionista.

**Moderno na implantação de tecnologias, agronegócio se mantém arcaico na agenda da destruição da legislação ambiental**

O agronegócio aposta na ciência da computação, na biogenética, na comunicação por satélite para aumentar a eficiência da sua produção. Os ruralistas negam a ciência do clima e seus alertas de que o desmatamento aumenta as emissões de gases do efeito estufa que estão provocando o aquecimento global. Não há separação entre um e outro. Estão juntos.

Alguém dirá que existe o lado bom do agronegócio que é contra toda essa pauta. Se existe, está em silêncio. Não combate a pauta da lavoura arcaica, não confronta seus métodos, não alerta que o ruralismo não o representa.

Como é possível a esta atitude de defender o desconrole de agrotóxicos cancerígenos e que contaminam os mananciais? Como é

possível que a esta altura das tragédias climáticas, que inundam o nosso Rio Grande do Sul e seca o nosso Rio Negro, defender as propostas que estão no Congresso?

O que querem os ruralistas? Querem, por exemplo, aprovar o PL 364/2019 que elimina a proteção de todos os campos nativos e outras formações não florestais. Já foi aprovado na CCJ da Câmara. O texto desta desproteção de 48 milhões de hectares em todo o país, o que, segundo o Observatório do Clima, ameaça 50% do Pantanal, 32% do Pampa gaúcho, 7% do Cerrado, e as áreas remanescentes da Mata Atlântica. Querem mais. O PL 3334/2023 reduz a reserva legal na Amazônia. O PL 2574/2020 anistia desmatadores. Há projeto que restringe a necessidade de licenciamento ambiental, que ataca áreas de preservação permanente, que anistia grileiros, diminui o financiamento de órgãos ambientais, muda o Fundo Amazônia, delega ao Congresso a demarcação das terras indígenas, permite exploração mineral em unidades de conservação, encunha o tamanho de parques nacionais.

Quando o mundo sonhado pelos ruralistas no Congresso virar realidade, o agronegócio tecnológico será atingido. A questão é que a tragédia recairá sobre todos. O setor agropecuario brasileiro precisa escolher qual a sua verdadeira face. Nenhuma pessoa, nenhuma atividade econômica pode ser moderna pela metade.

## ENTREVISTA

### Lenora Monnerat

DIRETORA EXECUTIVA DA HARPERCOLLINS BRASIL

Líder da quarta maior editora do país avalia que audiolivros ainda vão decolar no mercado nacional e aponta tendências para o público evangélico

BUEN DE SOUSA GABRIEL, gabi@buen.com.br de Brasília

## ‘UMA TENDÊNCIA FORTE NOS LIVROS É A FICÇÃO CRISTÃ’

Braço nacional de um dos maiores conglomerados editoriais do mundo, a HarperCollins Brasil comemora dez anos de operação no país em 2025. Não foi uma década fácil, com altos e baixos. Teve recessão histórica (2015-2016), recuperação judicial das duas maiores redes de livrarias do país (Saravá e Cultura), pandemia (quando a venda de livros explodiu) e ameaça de taxaço do setor.

A americana Harper superou os obstáculos e se tornou a quarta maior editora do Brasil (atrás de Companhia das Letras, Record e Sextante) revitalizando autores clássicos como J.R.R. Tolkien (de “O senhor dos anéis”), Agatha Christie e C.S. Lewis (“As crônicas de Nárnia”). Também é líder no segmento de livros evangélicos com o selo Thomas Nelson, que representa metade do faturamento no país.

Em entrevista ao GLOBO, Lenora Monnerat, diretora executiva da Harper no Brasil, aponta tendências desse mercado, fala sobre o impacto da inteligência artificial (IA) nas editoras e os preços dos livros.

**Qual foi o maior desafio enfrentado nestes quase dez anos de operação brasileira?**  
O começo não foi fácil. Tivemos problemas financeiros. A quebra da Saravá surpreendeu os americanos. O maior desafio foi botar a empresa nos trilhos depois desse baque, arrumar a casa do livro no mercado brasileiro. Deu tudo certo graças ao nosso time, que compartilha os mesmos propósitos e valores, é entusiasmado, persistente, tem uma criatividade bem

brasileira, sempre acha uma saída. Em 2023, compartilhamos nossas experiências com países como Rússia e Holanda, que tiveram inflação alta.

### Quais são as especificidades do mercado evangélico?

O selo Thomas Nelson é inclusivo e não excluyente, olhamos para todas as denominações e temos livros para conservadores e progressistas. Vejo dois movimentos no mercado evangélico. O primeiro é a busca por livros de espiritualidade prática, que mostrem onde está Deus no dia a dia das pessoas e que ultrapassem o público evangélico. Outro movimento é a migração desse público para a compra on-line, acelerada na pandemia. Hoje há livros cristãos nas listas de mais vendidos porque livrarias físicas e virtuais, inclusive a Amazon, dão mais atenção a esse público.

### O que mais os evangélicos querem ler?

Uma tendência forte é a ficção cristã, livros que têm o cristianismo como pano de fundo, mas não são pregações, e sim histórias bem contadas. Essa tendência estourou nos EUA há uns 15 anos e hoje já temos no Brasil livros de ficção cristã de alto nível, de autores estrangeiros e nacionais, como Sara Gusella e Camila Antunes.

### Depender tanto do público cristão restringe o tipo de livro que os outros selos da Harper publicam?

De jeito nenhum. Oferecemos conteúdo de qualidade, e o leitor escolhe o que consumir.



**“A prioridade é a proteção do conteúdo dos nossos autores, que não pode ser usado para alimentar ferramentas de IA sem remuneração”**

### Vocês apostam no sucesso de quais outros nichos?

O infantil, sem dúvidas. Começamos bem discretos, mas temos uma vantagem competitiva que é o catálogo infantil da Harper no exterior. De uns anos para cá, aumentamos nossos investimentos no infantil e apostamos em clássicos como E.B. White, autor de “Stuart Little” e “A teia de Charlotte”, e grandes marcas como Minecraft. Agora, queremos focar em autores brasileiros e na comunicação com pais e professores. No início, reformulamos o selo Harle-

quin, que agora publica livros em que o amor é sempre protagonista, seja o romântico, o familiar, o amor-próprio etc. Essa mudança já está dando certo, nossas redes sociais estão crescendo. E vamos lançar um selo para jovens adultos no Brasil do Livro de SP, parte de uma estratégia de longo prazo.

### Depois do ‘boom’ da pandemia, a venda de livros segue em queda e só cresce quando há promoções, como a Semana do Consumidor, em março. Como vê esse cenário?

A venda vem diminuindo em volume, mas o faturamento segue crescendo. Não só devido ao aumento do preço, mas também à redução do desconhecimento do consumidor e da mudança do nosso mix de produtos. Em 2024, a ano de ficção, que historicamente tem um preço de capa mais alto, está crescendo. Os bons números da Semana do Consumidor mostram

que o leitor é sensível ao preço. A Amazon deve fazer outras promoções este ano. Mas o mercado vem encontrando soluções e está aquecido, como prova o aparecimento de tantas novas tendências. Historicamente, a Harper cresce mais que o mercado.

### O aumento do preço médio do livro supera a inflação há mais de um ano. Chegou a R\$ 48,65 em março. Por quê?

O aumento do preço tem a ver também com o tipo de produto que está vendendo mais, a não ficção, que é de fato mais cara. No preço do livro está embutida a remuneração de uma cadeia que inclui autor, edição, impressão, distribuição, divulgação, livraria. Saber disso muda a percepção de que o livro é caro. O livro tem um preço justo e é mais acessível que outros produtos, como cinema ou teatro. Sem falar nos benefícios que traz.

### Parte do setor se articula para aprovar a Lei do Preço Fixo, que limitaria a 10% os descontos no ano de lançamento de um livro, ajudando as livrarias na concorrência com a Amazon. Apoiar essa proposta?

Essa lei existe em países que têm culturas diferentes da nossa. Tenho dúvidas quanto à efetividade no Brasil. É uma discussão antiga, que muda conforme muda o mercado e surgem novos competidores. Precisamos analisá-la com mais cuidado.

### Desde 2022, a maior parte do faturamento das editoras vem de livrarias virtuais, sobretudo da Amazon. Não é arriscado depender tanto de um só cliente?

As livrarias físicas são muito importantes por causa do contato direto com o leitor. É nelas que a gente divulga lançamentos e descobre o que está funcionando. Já a Amazon tem um serviço de distribuição excelente, que entrega livros onde não tem livraria. É boa na cauda longa, mas não é tão eficaz na divulgação de lançamentos. Num mercado competitivo, os dois segmentos têm importância.

### Como a IA está impactando a indústria do livro?

A prioridade é a proteção do conteúdo dos nossos autores, que não pode ser usado para alimentar ferramentas de IA sem remuneração. Vemos a IA como uma ferramenta para aumentar a produtividade e melhorar o nosso serviço, mas sempre com supervisão humana. Atualmente, usamos IA para trabalhar com metadados e criar palavras-chave, o que traz economia e melhora nosso serviço.

### No ano passado, a Audible, plataforma de audiolivros da Amazon, começou a operar no Brasil. Esse mercado ainda vai decolar por aqui?

Eu acredito de verdade no áudio. O brasileiro é consumidor de podcast e já está acostumado com as plataformas. Temos um perfil de consumo muito parecido com o americano. Lá, o audiolivro já representa uma parcela importante do mercado. É só uma questão de tempo. Na Harper, estamos nos preparando para quando o mercado realmente aquecer formando um catálogo diverso de audiolivros.